

Redacção e administração
R. de S. Martinho

Aveiro

POVO DE AVEIRO

SEMAMARIO REPUBLICANO

Officina de impressão
R. de S. Martinho, AVEIRO,
EDITOR, Manuel Homem Christo

Numero 173

Assignaturas
AVEIRO—Um anno, 1\$200 réis. Semestre, 600. Fóra de Aveiro, um anno 1\$300. Semestre 650 réis. Brazil e Africa, anno 2\$500. Semestre, 1\$500 réis (fortes).
PAGAMENTO ADIANTADO

PUBLICA-SE AOS DOMINGOS

Publicações
No corpo do jornal, cada linha, 40 réis. Anuncios, cada linha, 30 réis. Permanentes, mediante contrato.
Os srs. assignantes teem desconto de 30 por cento.
NUMERO AVULSO, 30 REIS

4.º Anno

ENTRE REPUBLICANOS

Quasi toda a imprensa republicana reconhece a necessidade d'uma concentração das forças democraticas. Não será, pois, tempo perdido insistir no assumpto, cuja importancia e oportunidade são reconhecidas por toda a democracia portugueza.

Sustentámos e sustentamos que é vergonhosa a situação actual do partido republicano portuguez. Esta situação estava prevista. Havíamos de chegar a ella fatalmente, desde que não quizeram atalhar o mal a tempo. Nós bem lh'o dissémos. Mas, agora, ponhamos de parte recriminações, que são inúteis e contraproducentes, e tratemos de reedificar em novas bases.

Como já dissémos, as melhores forças republicanas estão fóra do partido d'esse nome. Ainda ha pouco um homem monarchico em evidencia, e de valor reconhecido e provado, nos dizia: é notavel que o republicanismo progrida no paiz na razão directa da decadencia do partido republicano.

Assim é. Os republicanos cresceram e, contudo, o partido diminuiu. Que importa fazer, então? Aproveitar essas forças convenientemente.

Pois aproveitem-n'as e usem para isso do meio que quizerem. Com isto nada temos. Não somos do partido republicano nem queremos ser. Mas somos da democracia e como tal temos o direito de exhortar e protestar. Exhortamos, primeiro. Protestaremos, se fôr preciso, depois.

Empreguem o meio que quizerem, mas procedam. E, procedendo, terão todo o nosso apoio e applauso. Procedendo com juizo, com acerto, está claro.

Além dos muitos republicanos que nunca pertenceram ao partido, por não se quererem sujeitar a *coterias* nem ser victimas d'intrigas, ha os republicanos que se abstiveram, que se encolheram, que estão mettidos em casa. Ora se aquelles não teem responsabilidades, teem-n'as estes, e muitas. E falamos assim porque nós não nos abstyemos, nem nos encolhemos, nem nos fômos metter em casa. Nós tivemos a dupla coragem de romper francamente com o partido e de ficar a combater pelos nossos principios. Bem differente de fugir á sucapa para não fazer coisa nenhuma. E' muito commodo o silencio. E' muito mais commodo a indifferença e a mandrice. Mas, por isso mesmo, muito pouco dignas uma coisa e outra.

Entre aquelles que se abstiveram, que se encolheram, que foram para casa, figuram homens de talento e de character. Foram

para casa n'uma hora de desalento, de aborrecimento, de tristeza. Não é caso para louvor. Um homem de talento, um homem de character, um homem de consciencia e de principios nem se aninha nem se abstem. Não dá esse exemplo ao povo. Exemplo tanto mais pernicioso, tanto mais terrivel n'este paiz quanto o pessimismo se tem alastrado e arreigado. Mas, enfim, vá lá que se não resista a uma hora de desalento e de tristeza. Vá lá. O que se não permite, o que se não admite, o que se não desculpa é que se fique por muito tempo n'essa situação. Porque persistindo ella, o desalento desapareceu para dar lugar á ignominia. Então, já não são homens aborrecidos e desalentados. São apenas homens sem fé; por conseguinte sem principios; por conseguinte sem character.

Uma abstenção systematica é uma covardia. Abstem-se n'essas condições, não aquelles que julgam esteril o combate, mas aquelles que são incapazes de combater.

Uma covardia, nada mais. Covardia que se quer encobrir com mil razões, que se quer apagar com mil pretextos. Debalde. Essas razões, esses pretextos enganarão os tolos. Não enganam mais ninguém.

Ora tendo nós na conta de homens de bem alguns dos que se retrahiram dentro do partido republicano, não nos queremos convencer de que esse retrahimento se prolongue.

Ninguém recebeu mais agravos d'esse partido do que nós. Ninguém tinha mais motivos para pessimismos e desalentos. Não obstante, tendo assumido lealmente a responsabilidade de todos os actos que commettemos, tendo levado essa lealdade até ao ponto de romper com o partido republicano, o que, repetimos, é bem differente de fugir a salvo, n'um momento de perturbação, sorrateiramente, encostado ás paredes, nem deixámos de pugnar sempre pelos principios que professávamos, nem deixaremos, hoje, de dar todo o applauso e apoio aos que, amigos ou inimigos, trabalharem sinceramente na obra de concentração democratica que se torna urgente para salvação dos principios e honra do paiz.

Claro é que se nós procedemos assim, não podemos louvar e applaudir os que, tendo-se retrahido por simples enfado, se demorem por mais tempo em tal retrahimento.

Se os aborrecem as *coterias*, e n'isso damos-lhe razão, ponham as *coterias* de parte, não se envolvam nas mesquinhas partidarias, conservem-se á parte do partido, se quizerem, mas entendam-se uns com os outros e regressem á vida publica, á vida activa, ba-

talhando, luctando, que é esse o dever de todos os homens que, prezando a verdade, a liberdade, a justiça, se prezem a si proprios.

Dentro do partido ou fóra d'elle, defendam a causa da democracia, a causa do paiz.

E teremos occasião de voltar a este assumpto.

Largo Municipal

Recomeçaram os trabalhos de terraplenagem do Largo Municipal, que em virtude das chuvas e da falta de balastro se tinham interrompido.

O Largo, depois de ladrilhado, deve ser de um bonito effeito pelas boas disposições do local. Este novo melhoramento, tão instantemente e com justa razão reclamado, deve-se á iniciativa do digno presidente da nossa municipalidade, que tão incansavel tem sido em proporcionar o embelezamento da cidade.

E' digno do incondicional elogio do todos.

INFANTERIA 24

Faz no proximo mez de dezembro um anno, que nós vimos atravessar as ruas da cidade o nobre regimento de infantaria 24.

A cidade recebeu-o festivamente e se a recepção que os seus habitantes lhe fizeram não foi mais além, foi isso devido ao pessimo tempo que então fazia e que não nos deixava com as suas interminaveis cargas d'agua. As lamas pelas ruas davam pelo artelho.

Mas nem por isso os seus habitantes deixaram de o receber condignamente e com o entusiasmo que é peculiar ao nosso bom povo.

E' que elle reconhecia as vantagens que a infantaria lhes vinha proporcionar.

Os seus filhos, no geral apurados para infantaria, já pela sua estrutura, já porque para ali pediam por os povos d'esta região não morrerem d'amores por cavalgar e principalmente em cavallos velhacos, como no geral costumam ser os cavallos de fileira, tinham de seguir para Lisboa, onde se tavam praça no 2.º d'infanteria, unidade que então pertencia a Ovar e portanto ao nosso districto.

Quantas lagrimas, canceiras e sacrificios monetarios custavam então um ou dois mezes de licença ás pobres familias dos soldados?

Pobres e bem pobres, porque de todos é sabido que os filhos dos ricos não assentam praça, á excepção d'aquelles que o fazem para seguir a carreira militar. Agora, e principalmente para os naturaes d'aqui, a vida militar torna-se quasi um passatempo agradável. Para exemplo é ver a porção de rapazes que voluntariamente se tem alistado no 24 e os que diariamente se estão propondo a fazel-o.

Houve quem ha dias se queixasse da falta de soldados no quartel! Mas Aveiro tem mais privilegios do que as outras mais

terras que tem regimentos? Ninguém o affirma com certeza, mas ainda assim, o nosso regimento foi completar o 23 a Coimbra e nem por isso deixou de haver soldados para as guardas da cadeia e do paiol, coisa que se não via a maior parte do anno, quando aqui tinhamos a cavallaria, pois que o mais das vezes era a guarda da cadeia feita pela nossa desimada policia, que assim faltava ao policiamento da cidade, bem carecida como é d'isso. Não temos duvida de que a nova reforma do exercito cerceou bastante os quadros regimentaes, mas essa falta dá-se tanto com a infantaria, como com a cavallaria, como com qualquer outro corpo do exercito.

Por todos os motivos Aveiro rejubila com o regimento de infantaria 24.

E não quer outro regimento.

Cantem os patrioteiros como quizerem. Pensar no contrario é desgostar a cidade e os povos do districto.

C. S.

O bairro novo

A campanha, movida pela ignobil garotada, contra o projecto do novo bairro da Beira-Mar, demonstra, mais uma vez, quanto vale e de quanto é capaz o sr. Jayme de Magalhães Lima. Defendeu este homem a extinção do districto de Aveiro no n.º 58 do jornal *A Provincia*, de 13 de março de 1886, e outros numeros que, de ha muito, temos presentes e guardados para occasião opportuna. Ou mais opportuna, pelo menos. A elles nos temos referido por mais do que uma vez. Mas só os estamparemos no rosto do morgado do Carmo em momento de maior sensação e ruído.

Defendeu o sr. Jayme de Magalhães Lima a suppressão do districto de Aveiro, como defendeu a extinção da barra, como proclamou a inutilidade de um regimento entre nós.

Para elle pouco importava que o districto de Aveiro fosse supprimido, pouco importava que a barra se tapasse, pouco importava que o regimento d'aqui sahisse. Com aquella bacoquice que lhe é peculiar, com aquelles ares *tolstoianos* que fazem rir toda a gente de capacidade que o conhece, a questão para o homem era d'*industrias*, como se as industrias se montassem com a facilidade com que o morgado planta uma figueira, e como se as industrias não fossem tanto mais florescentes quanto maior fosse a facilidade de transportes e o movimento local.

Teve a audacia esse homem, o pittoresco discipulo de Tolstoi, (!) de pretenções litterarias que provocam desdens nos proprios que elle incensa, teve a audacia de escrever que *não condemnaria o governo* (palavras textuaes) se

elle propozesse a extinção do districto de Aveiro.

E accrescentava:

«A extinção do districto é realmente um desastre? Duvidamos. Em primeiro lugar precisamos lembrar que, ainda quando a extinção do districto fosse um grande sacrificio, deviamos ter em conta o bem do paiz e saber se na verdade ella era uma medida necessaria de economia e de administração publica. Porque, se o fosse, não sabemos que obstaculo haviamos de oppor-lhe que não fosse um crime de lesa-patriotismo.»

Assim escrevia, entre muitas outras monstruosidades, o morgado do Carmo. *Duvidava* de que a extinção do districto de Aveiro fosse um desastre. Duvidava para não dizer sem rodeios que applaudia sem restricções. E que elle applaudia vê se logo nas palavras que se seguem, por isso que representando a extinção do districto de Aveiro uma economia no orçamento geral do Estado, embora uma ridicula economia que se traduzia em incommodos e prejuizos para os povos da região, **era um crime de lesa-patriotismo impedi-la.**

Assim pensava, assim entendia, assim dizia o morgado. Isso e coisas melhores, que reservamos, repetimos, para occasião mais opportuna. Então se verá.

Depois foi deputado e presidente da camara municipal. Como deputado nenhum beneficio trouxe á cidade e ao concelho, antes nos envergonhou com as maiores baboseiras na camara dos deputados, com a affirmação de principios ultra-reaccionarios. Como presidente da camara abandonou o seu posto, sem que da sua iniciativa, do seu trabalho, da sua intelligencia, o concelho obtivesse o mais insignificante beneficio.

Emfim, com a actual situação regeneradora, antes da scisão dos francaceos, a sua influencia era tamanha que nem conseguiu, elle e o governador civil da sua feição, que uma banda regimental, elles mesmos o annunciaram e confessaram, viesse tocar ás festas de Santa Joanna em Aveiro.

Pois é este homem, que pediu a suppressão do districto de Aveiro, que se declarou indifferente perante a extinção da barra, para quem o regimento era uma inutilidade, este homem, que abandonou o seu logar como presidente da camara, este homem, que não tem influencia para trazer uma banda regimental ás festas de Santa Joanna, é este homem quem açoia uma matilha de garotos contra todos aquelles que emprehendem obras de verdadeira utilidade local. Se os não açola, acarinha-os, afaga-os, o que para o resultado moral vale o mesmo.

Tem esse homem essa auda

cia. Essa audacia ultrajante, essa audacia revoltante!

Um dos melhoramentos mais importantes, tentados pela actual vereação, é, sem duvida, a creação do novo bairro da Beira-Mar. A população piscatoria cresce consideravelmente. Precisando de novas edificações para o seu alargamento, o mais elementar bom senso recommendava que se procurasse terreno para essas edificações na propria Beira-Mar. Nenhum mais apropriado que aquelle que a camara adoptou. E' um pedaço enorme, de treze mil metros quadrados, approximadamente, em boas condições hygienicas, encravado no centro do antigo bairro piscatorio. Estava naturalmente indicado para o alargamento d'este bairro.

Adquiriu-o a camara por preço elevado? Não, porque o adquiriu de graça. O sr. Antonio Luiz de Souza, proprietario da quinta da Senhora da Apresentação, cedeu-o gratuitamente. Isto é, cede á camara o terreno preciso para a abertura das ruas, obrigando-se a camara apenas a expropriar as embocaduras das ruas nas propriedades que não pertencem ao dono da quinta. Pois aquillo, que em toda a parte tem sido considerado um acto de benemerencia, é considerado, em Aveiro, um acto criminoso. Os proprietarios, que em Lisboa tem cedido terrenos á camara, precisamente nas condições da cedencia do sr. Antonio Luiz de Souza á camara municipal de Aveiro, foram considerados benemeritos e como taes proclamados pelos periodicos e pelas vereações, que até tem posto os nomes d'esses proprietarios a algumas das ruas que cortam os terrenos cedidos. Em Aveiro, o sr. Antonio Luiz de Souza é um especulador e o presidente da camara municipal um cumplice n'essa especulação. E o sr. Antonio Luiz de Souza é um especulador porque vae fazer mais dinheiro na venda do terreno aos particulares do que faria se vendesse a quinta em globo.

Mas a quinta é d'elle. Se elle soube valorisa-la sem prejuizo de terceiro, antes prestando com isso um notavel serviço ao municipio e aos municipes, que tem os ignobes garotos, e o patrão que os manda, a censurar?

Pois já um acto de tino e boa administração é considerado um crime? Com que direito havia a camara municipal de prejudicar os interesses d'um cidadão, quando esse cidadão, espontaneamente, se offerece a conciliar os seus interesses com os interesses do municipio e do publico?

Se o sr. Souza soube servir os seus interesses favorecendo, ainda, os interesses publicos, mostrou apenas que é um bom cidadão, e só é digno, por isso, de louvores e applausos.

São uns pulhas, uns verdadeiros pulhas.

O odio que move a ignobil garotada que manobra ás ordens, ao mando do sr. Jayme de Magalhães Lima, é o odio de todos os insignificantes, de todos os impotentes contra todos aquelles que tem prestimo e valor.

Registe-se que é Jayme de Magalhães Lima o patrão da ignobil garotada.

E voltaremos ao assumpto.

THEATRO AVEIRENSE

Uma boa noite, uma noite cheia, a noite de domingo.

Subiram á scena, como estava anunciado, as zarzuellas em um acto, *Los Baturros*, *La Tonta de Capirote*, *El Manoguillo* e *Chateau Margaux*.

Todas ellas tiveram por parte dos artistas que compõem a sympathica companhia, um desempenho correcto e consciencioso.

Lucia Osuna, na *Tonta de Capirote*, foi além de toda a expectativa. A sua desenvoltura e graça chegou a dar-nos a ideia da realidade.

E' uma novel creança a quem está destinado um futuro de rosas na sua carreira d'artista.

Outro tanto devemos dizer de Aurora Solis no desempenho do papel de *noviça travessa*, no *Manoguillo*, e no de *borracha* no *Chateau Margaux*.

Foi inexcédível na graça e na execução foi magistral.

Duas grandes artistas que Aveiro tem a felicidade de admirar mas que tão mal correspondidas tem sido pelo publico.

Tambem agradou bastante o solo a *Linda Sevilla*, cantado por o distincto actor Moron, no *Chateau Margaux*.

Todos os artistas foram calorosamente applaudidos.

Hontem, em beneficio da Associação de Socorros Mutuos das Classes Laboriosas, representaram-se as zarzuellas em um acto, *La Czarina*, *Una Vieja* e *Collegio de Señoritas*, tambem com geral applauso.

— Consta que a companhia retira em breve d'esta cidade.

— Os artistas tem visitado os arrabaldes d'Aveiro, indo bem impressionados pelas bellezas naturaes que n'elles encontraram.

SUICIDIO

Suicidou-se na quarta-feira passada, lançando-se á ria, uma pobre rapariga da nossa Beira-Mar, de nome Isaura, solteira, de 19 annos de idade, filha de Francisco de Pinho Vinagre, mais conhecido por Francisquinho de Jesus. A infeliz achava-se em estado de gravidez, desamparada pelo amante, e foi naturalmente devido a isso e ás observações da familia o que a levou a pôr tão tragicamente fim aos seus dias.

A pobre era já mãe de uma innocente creancinha, e consta que a allucinada a pretendia matar em antes.

O cadaver da infeliz foi encontrado junto á ponte de S. Gonçalo, no dia seguinte, e n'esse mesmo dia dado á terra.

A NOSSA CARTEIRA

Regressou de Coimbra, em companhia de sua mana sr.^a D. Maria da Gloria d'Oliveira Marques, o sr. padre José Marques de Castilho, illustrado director da Escola Districtal d'Aveiro.

Regressou á sua casa d'Esqueira com sua esposa a sr.^a baroneza de Recoste, o sr. Mario Duarte.

Vae em vias de restabelecimento a esposa do nosso amigo sr. Antonio Maria Ferreira. Estimamos.

Encontra-se gravemente doente o sr. Luiz Teixeira, continuo do governo civil. Sentimos e fazemos votos pelas suas melhoras.

Tem passado mal de saude, o nosso amigo sr. João Lopes do Casal Moreira, digno amanuense da camara municipal.

Ao nosso amigo desejamos-lhe prompto restabelecimento.

Cartas d'Algures

28 DE NOVEMBRO.

Não se pôde viver sem creanças, diz-se. E' certo. Mas não a creança no absoluto, a creança no imutavel. E é essa a creança religiosa. Crêr no absoluto, crêr no imutavel equivale á immobildade. E a immobildade é contraria á natureza humana. D'ahi a grande luta entre o homem e Deus, ou entre a verdade e a mentira, entre a luz e a sombra, entre a liberdade e o despotismo. Luta que vem do alvorecer da humanidade.

O homem a querer caminhar e Deus a embaraçar-lhe o caminho. O homem ansioso de luz e Deus a conservá-lo systematicamente na escuridão. O homem a quebrar os grilhões e Deus a ata-los persistentemente.

Caminhar, eis a lei dos homens. Parar, eis a lei de Deus. A cada esforço do misero para caminhar respondeu a ordem do Supremo mandando o parar. Logo Deus é incompativel com a humanidade.

Ao espirito de iniciativa, á curiosidade de saber, ao principio terrestre da evolução, responde o dogma, o mysterio, a immobildade e a immutabilidade divina. E sempre que o homem ateiu em avançar e em saber, toldaram-se os ares, ribombou o trovão e ou se abriu a terra para engulir o insensato, ou se abriram as nasmorra para se lhe entenebrecer a razão, ou se acenderam fogueiras para o reduzir a cinzas, ou lhe queimaram, na tortura, as mãos com que escrevia, a lingua com que falava, ou lhe afogaram, na fôrca, a voz na garganta, ou e raio, despedido das alturas, o fulminou instantaneamente, para exemplo que se impozesse rapido pelo pavor do inesperado e do grandioso.

Foi assim e é assim em todas as religiões, que não tem servido senão para embaraçar o progresso e para estorvar a evolução. Mas foi assim e é assim nas religiões semitas, em especial, e no christianismo sobretudo.

A creança! A piedade! O amor!

O amor! Poetas e poetas cantam o amor ao divino. Mas o amor do divino é a antithese do amor humano. Ainda ali existe a flagrante incompatibilidade entre o homem e Deus. O amor do divino é o amor dos que não amaram nunca ou dos que já não amam. Arido, secco, ou feroz. E' o amor das heroínas depois de velhas, o amor das solteironas desprezadas, o amor dos que esmagaram o coração nas paixões do mundo, o amor das loucas ou o amor dos desalentados, dos vencidos, dos aniquilados ou dos impotentes. Arido, secco ou feroz. Emquanto é joven, generoso, largo, rasgado, com seiva, com vida, com aroma, fica na terra. Só vae para os céos quando está louco, desorientado ou fanado.

Assim foi, assim é em todas as religiões; e, por isso, todas ellas são incompativeis com a perfeição humana. Mas assim foi, e assim é, sobretudo no christianismo, a mais espathada das religiões semitas, e aquella em que o Deus anthropomorfo, á similhaça e imagem do homem, reveste o typo mais feroz e rancoroso.

Não é o Nirvana, a libertação suprema pelo aniquilamento. E' o castigo eterno, o odio, a perseguição impiedosa áquelle que não se curvar, que não se submeter, que não rastejar. Ou a submissão absoluta ao tyranno do céu e da terra, ou a tortura das penas eternas. A Cesar o que é de Cesar e a Deus o que é de Deus. Isto é, submete-te, cala-te, resigna-te ou a tortura na terra e no céu. Bem aventurados os que tem foine! Bem aventurados os ignorantes!

E o christianismo não foi mais nada. Foi a negação absoluta do direito, da liberdade, da sciencia, da justiça. Foi a tyrannia do céu e a tyrannia da terra.

Bem sabemos que estas palavras hão de soar mal aos ouvidos da grande cohorte dos ignorantes, a essa turbamulta cheia de ignorancia e de preconceitos que domina por ali. Nem por isso deixarão de representar uma verdade já reconhecida e provada.

O paganismo creou as civilizações da Grecia e de Roma. O christianismo creou a Edade Media. O paganismo identificou-se com a democracia.

O christianismo com o despotismo. O paganismo deu-nos Homero, Pindaro, Eschylos, Sophocles, Euripides, Aristophanes, Demosthenes, Aristoteles, Archimedes, Terencio, Lucrecio, Virgilio, Horacio, Cicero, tantos outros espiritos brilhantes, poetas, oradores, prosadores, dramaturgos, sábios, philosophos, esculptores, architectos, pintores, estadistas, etc. Deu-nos Sparta, deu-nos Athenas, deu-nos Alexandria, a liberdade, a sciencia, a cultura. O christianismo deu-nos a estupidez e a porcaria da Edade Media, e Santo Ignacio de Loyola. Mais nada. São Paulo, na cultura, na educação, no espirito, era pagão.

Mais nada. Para a liberdade novamente surgir, para surgir novamente a arte e a sciencia, foi preciso ir buscar a tradição pagã. E quantas atrocidades e martyrios contra os que ligaram a cadeia da tradição e da evolução!

O christianismo copiou tudo das religiões orientaes e do paganismo. Mas copiou, principalmente, o que havia de mau. Copiou os symbolos, os ceremonias, os ritos, as práticas grosseiras. As grandes aspirações de liberdade, as tradições de progresso e de cultura, desprezou-as, ou annullou-as.

Ao espirito critico de Democrito, de Epicuro, de Lucrecio, de Javenal, oppoz á mais estúpida e intratavel das intolerancias. A' corrente d'emancipação da mulher e do escravo, impulsionada pelos philosophos e que, sem elle, teria triumphado, respondeu com o desprezo d'uma e com o abandono do outro.

De mãos dadas com o poder civil tornou-se o centro de todas as reacções e tyrannias.

Pontos que carecem de certo desenvolvimento e que ficarão, por isso, para a carta que se seguir.

A. B.

Cão hydrophobo

Na quinta-feira passada constou n'esta cidade, que um cão atacado de raiva e pertencente a José Ferreira Borralho, de Arada, atacara e mordera alguns animaes congeneres, e bem assim algumas galinhas.

Partiu immediatamente para alli o guarda n.º 27, da nossa policia, que matou n'esse mesmo dia sete cães dos mordidos, indo no dia seguinte acabar com os restantes.

O cão hydrophobo é que não consta ainda que fosse morto.

Bom será que as auctoridades superiores façam cumprir rigorosamente as posturas que tratam da raça canina, matando os cães vadios e obrigando os donos d'aquelles que os tem ao abrigo da lei, a conservá-los açaimados ou presos em casa.

As nossas canellas é que não devem estar á mercê da cansoadá. Cumpra-se a lei.

Fallecimento

Falleceu na noite de segunda-feira, na sua casa d'Agueda, a sr.^a D. Maria Emilia de Macedo da Camara, senhora d'altas virtudes e de grande distincção. Era esposa do sr. José Ribeiro de Sousa Figueiredo, cunhada do sr. conselheiro Alvaro de Mello e tia dos srs. drs. Manuel Homem de Mello e Antonio Homem de Mello, a quem esta redacção envia o seu cartão de sentidas condolencias.

Musica no Jardim

Como do costume, far-se-ha ouvir hoje, se o tempo o permitir, no Jardim Publico, da 1 ás 3 da tarde, a banda do 24, cujo programma é o seguinte:

1.ª PARTE

O Turco (ordinario).
Telemaco (pot-pourri da zarzuella).
Lenta (walsa).
Sur les eaux du Tage (pot-pourri).

2.ª PARTE

Ernani (pot-pourri).
Ernestina (polka).
Passagem de Regimento (ordinario).

SEMPRE OS MESMOS

A papeleta do sr. Jayme de Magalhães Lima denunciava no domingo todo o despeito de que estão possuidos os miseraveis pela continuação das obras do edificio do Terreiro.

Bramaram, berraram, dirigiram garotices a proposito da suspensão d'aquellas obras. Mas eis que as obras continuam e os pelintrões só tem mostras de raiva e despeito.

Sempre os mesmos.

Ha bastante trabalho em Aveiro? Pois ainda bem. Mas não se segue por isso que seja inutil o que vier a mais. Anda o sr. Carlos de Mello de chapéo na mão a solicitar operarios? Vê-se que é o desespero dos bandalhos. O desespero d'elles é que ande alguém de chapéo na mão a solicitar operarios. Se fossem os operarios que andassem de chapéo na mão a solicitar trabalho, estava bem. Isso convinha-lhes. Como é o contrario, dizem elles, andam desesperados.

Para que veio a obra do Terreiro? Para que veio, se o sr. Carlos de Mello anda de chapéo na mão a solicitar os operarios? Um escandalo. Mesmo uma pouca vergonha. Para o sr. Jayme de Magalhães Lima e para os bandalhos e garotos que lhe obedecem é uma pouca vergonha, uma refinadissima pouca vergonha, que se ande de chapéo na mão a solicitar operarios. Por isso não venham obras novas. Nada, não senhores. Espere-se primeiro que os operarios andem com a corda na garganta, que sejam elles que solicitem o trabalho humildemente e depois, sim, faça-se-lhes a esmola de se lhes arranjar alguma obrasita.

Muito pulhas, mas muito estupidos ao mesmo tempo. Porque só uma garotada reles como aquella escreveria as tolices que a papeleta deita para a rua todos os domingos.

Mas por alli se vê o despeito dos trocatintas pelo serviço prestado pelo sr. governador civil.

Os garotos estavam convencidos de que o sr. Carlos Braga nada conseguiria em favor das obras do Terreiro. Por isso eram continuamente as larachas do costume. Consegue o sr. Carlos Braga que as obras continuem e os partidarios do sr. Jayme de Magalhães Lima em lugar de applaudirem sahem-se a declarar que os operarios tem muito que fazer, que chegou a pouca vergonha a ponto de se andar de chapéo na mão atraz d'elles, e que, então, era melhor que taes obras não viessem, como melhor será que não venham outras, a vêr se o sr. Carlos de Mello pôde pôr o chapéo na cabeça, senão, com este tempo frio, arrisca-se a constipar-se.

Estupidos e bandalhos.

Baixa de preço

Os marchantes d'esta cidade, resolveram de commum accordo e a pedido do digno presidente da nossa municipalidade, baixar os preços da carne de vacca, que d'ora ávante se venderá pela fórma seguinte:

De 1.ª qualidade a 280 réis o kilo

De 2.ª » a 240 » »

Portanto mais barata um vintem em kilo do que o preço porque ella se vendia, o que representa um beneficio para todos e especialmente para as classes pobres.

Está considerado livre de perigo o pobre Manuel da Nelta, marnoto da Beira-Mar, e que ha tempo tão desastradamente cahiu sobre o caverna d'uma bateira.

Foi operado pelos srs. drs. Alvaro Ferreira, Luiz Regalla e pelo distincto algebrista d'esta cidade, sr. Manuel Gonçalves Netto, que tem sido incansavel com o pobre doente.

Depois de muito trabalho e soffrimentos do infeliz, conseguiram levar-lhe o braço ao seu lugar.

HISTORIA LOCAL

Compadre manda-nos dizer que o que nós queremos é que *Cabecinhas*, *Chicas* e quejandos se calam. Oh, *compadre*, pelo amor de Deus! Não diga isso. Elles já nos pozeram á *margem*. Suspenderam-nos a *paqueta*. Desprezaram-nos. Se nós os quizessemos calados, ter-nos-hia bastado ficar á *margem* e aceitar o desprezo. Mas depois?

Ai, *compadre*, que não deixas de ser bronco!

O que nós queremos é que elles falem. E sabeis para quê, *compadre*? Para falarmos nós também. E julgaes que é para falarmos d'elles? Não, *compadre*. O *compadre* bem o tem visto. Não; não é para falarmos d'elles. É para falarmos de vós, *compadre*. É para falarmos do vosso patrão. É para falarmos de toda a *francalhada*, enfim. D'elles só falamos por incidente. E servem. Para isso servem. D'elles só falamos quando queremos accentuar todo o valor moral da *francalhada*. Mas são tiros de revez. O alvo directo é outro.

Que os queremos calados! Deus nos acuda. O *compadre* nunca foi muito perspicaz. Mas agora está rombo de todo.

Mas vamos adiante. Então com quê, vosso *mocinho de recados*. Já n'esse tempo, *compadre*? Ai, maroto, que já n'esse tempo vos luzia a idéa do baronato. Que importancia! Que importancia! Nós eramos então *mocinho de recados* d'aquelle excelso senhor.

Para marechal de Liliput, é honra.

E se lhe chamamos soberbão, desespera. E faz queixas aos amigos. E deita um sermão de moral que nem pregador d'aldeia em sexta-feira da semana santa.

De maneira que quando você, *compadre*, enriquecia a vender drogas aos amigos, era já com o proposito feito de os tratar com desdém no futuro, e quando pedia favores era com a intenção reservada de chamar *mocinhos de recados* aos que o serviam.

E por isso, está claro, você é o homem de bem por excellencia.

Os amigos que o enriqueceram passaram a ser tratados com magestático desdém. Os amigos que lhe fizeram favores passaram a ser *mocinhos de recados*. E se lhe dão os piparotes que elle merece são ingratos, são patifes. Homem de bem é elle!

Tudo aquillo pela mania das fidalguias. Porque, no fim de contas, este *compadre* é, no fundo, uma boa pessoa. Justiça acima de tudo. Faça-se justiça ao *compadre*. No fundo o *compadre* é uma boa pessoa. E nós tanto o reconhecemos que o estamos tratando com manifesta brandura. Sim; os senhores todos, que nós lêem, hão de concordar que tratamos o *compadre* com accentuada deferencia. Porque o *compadre* é bom homem. Excellente fundo. Bello coração. Mas tudo aquillo se perverte com a mania das grandezas, com a bossa das fidalguias. Vejam a que leva uma mania!

Toda a mania d'aquelle rapaz foi privar com os grandes. Ainda elle, coitado, andava a tremelicar de penuria e já toda a sua tendencia era rapar no chão quatro vezes em vendo uma pessoa importante ao pé de si. Em sendo um pobre, cerrava um olho, abria o outro e dava conselhos. Em sendo rico, abria os olhos todos, a fronte curvava-se-lhe, os pés arrastavam para traz levantando poeira, as mãos abanavam em attitudão de summo respeito e illuminava-se-lhe o rosto de alegria.

Era um fado. Elle visitava os ricos. Elle corria atraz dos ricos. Elle desbarretava-se deante dos ricos. Elle atirava foguetes aos ricos. Elle não sonhava senão com ricos. Ser rico era para elle um ideal. E não tanto para ter dinheiro, mas para

ter a importancia dos ricos. Uma mania, que o cegava a ponto de tratar os pobres com soberba. Muita gente tem tido a mania das riquezas e tem chegado a ser rico sem tratar os pobres com soberba, antes conservando por elles uma certa estima. Mas o *compadre* fez-se o maior soberbão da cidade e redondezas. A cegueira chegou a isso.

Lamentavel cegueira. Lamentavel, sim, porque o *compadre*, repetimos, no fundo é boa pessoa.

Ora quando falarem com elle reparem. Façam favor de reparar para não dizerem que estamos aqui a exaggerar.

Reparem. Vejam-no a falar com os pobres e vejam-no a falar com os ricos. Comparem, e digam.

Mas attentem bem.

Quando fala com os pobres cerra um olho mais do que o outro, mette as mãos nos bolsos, faz cara de gravidade e dá segundos á meditação antes de romper o discurso. Em sendo rico? Todo elle é olhos abertos, riso nos labios, e coutumelias.

Reparem. Não custa nada reparar.

Mas, repetimos, é a unica mania do *compadre*. Não tem outra. Tirem-lhe a soberba, a aspiração das grandezas, a bossa das fidalguias e é um poço de virtudes. Quer ser grande, quer ser importante, quer mandar, quer dar conselhos, quer falar com ar protector aos pequenos, convenceu-se de que sabe mandar, de que não ha conselheiro como elle, e tiralle essa mania da cabeça ninguém lh'a tira. Mas fóra d'isso é uma excellente pessoa. Ainda se o João Franco lhê não tivesse entrado em casa, a coisa não iria a peor. Mas depois que o João Franco, conselheiro d'estado, bebeu vinho do Porto á saude do *compadre*, *compadre* ensandeceu. O Jayme do Carmo é um gentleman como se sabe. O Luiz de Magalhães é outro gentleman. Jayme do Carmo e Luiz de Magalhães tem precisamente a mesma mania do *compadre*. É pena que o Jayme não descenda de D. Ordonho e que o Luiz de Magalhães não seja a quinta costella de Pelagio, que ambos tem veias para sangue real dos godos. Ora o *compadre* com os dois já andava doído. Mas com o João Franco ensandeceu de todo. E deu n'isso que se vê.

Temos pena. Porque demais a mais a figura não o ajuda. O Jayme do Carmo ainda pôde ser uma vergontea de suevo e o Luiz de Magalhães pôde passar por um rebento de Granada. Mas o *compadre* tem uma figura verdadeiramente compromettedora para arvore genealogica.

E ficamos hoje por aqui. A papeleta do partido do *compadre* acha pouco. Pois será pouco. Mas o *compadre* é d'aquelles que tem direito a todas as branduras.

E atraz do pouco virá o muito. Roguem-nos, que nós gostamos de ser rogados.

Para não enchermos mais o periodico com assumptos locais, ficará para domingo o artigo sobre o *Hospital*. E mesmo porque é de boa tactica não exgotar o assumpto.

É bom que elles vão falando.

Relógio desequilibrado

Não se pôde dar outro nome ao relógio de S. Domingos.

Até aqui ainda elle dava umas martelladinhas representando horas apezar d'ellas serem quinze ou vinte e os ponteiros accusarem unicamente quatro ou cinco.

Mas agora nem ponteiros nem martello.

Façam idéa que para chamar os feis á missa conventual é preciso o sr. padre-prior, de relógio em punho, esperando o *tic-tac* da sua cebolla de ouro o momento *psicologico* e ordenar cá debaixo ao sachrista: — Agora, João.

E o sachrista lá toca as dez badaladas do estylo para fazer a *parte* do relógio.

Isto além de ser irrisorio é uma vergonha para uma freguezia briosa como a nossa.

Vejam se concertam isso, prestando assim um beneficio aos habitantes pobres, que andam constantemente ás *avanhas* com a *surda mudez* do relógio!

Ou cahirá a torre com pragas e a Junta não escapará da hecatombe.

— A' ultima hora fomos informados de que foi justo o concerto do mesmo relógio com um relojoeiro d'esta cidade, que tem primado pela morosidade do concerto. Não ponha os creditos a perder, seu relojoeiro d'uma figa!!

Inverno

Não nos tem deixado estes dias a chuva e o inverno.

Aquella fustigada pelo vento que tem soprado do oeste põe os transeuntes em misero estado.

Pelas ruas é um verdadeiro patinheiro de lama, e até as paredes das habitações se acham humidas. Estamos no verdadeiro inverno, no *pino*.

Por a acharmos interessante, extralimos d'uma correspondencia de Paris para um jornal do Porto, commemorando o dia de finados, o que segue:

«Triste dia de chuva, de nevoeiro e de lama. Parece que do ceu, baixo e cinzento, pinga, gota a gota, o tédio e a morte. Verdadeiro dia para chorar os feis defuntos!

No entanto, as ruas estão repletas de gente. Todos correm em direcção dos vastos cemiterios parisienses, com as mãos cheias de «bouquets», brachados de chrysans themos e de violetas. Os tumulto-parecem jardins,—sobretudo as sepulturas dos poetas. Em gente alguma do mundo ha um tão profundo culto dos mortos como em Paris.

Na «Père Lachaise», logo de manhã cedo, vemos Mme Felix Faure e sua filha Lucie. Veem cobrir de flores o tumulo do presidente morto! No cemiterio Montparnasse, o prefeito da policia, o sr. Lépine, acompanhado de todos os altos funcionarios da administração, veio depôr uma corôa no monumento mortuario elevado á memoria das victimas anonymas do dever.

Nos arrabaldes de Paris, os cemiterios foram enormemente concorridos. Em Visceunes, a municipalidade cobriu de flores o tumulo das cem victimas da grande catastrophe do caminho de ferro, ha annos.

Nos outros cemiterios da barreira, deram-se grandes manifestações de piedosa saudade e as municipalidades cobriram de flores as campas onde repousam os defensores do cerco de Paris.

Hontem e hoje deram-se as seguintes entradas nos cemiterios: Lory: 80:700 visitante; Bagueux: 88:727; Pantin: 105:315; Clichy: 18:610; Bescy: 9:710; Grenelle: 2:606; Vaugirard: 3:210; Passy: 13:200; Auteuil: 3:910; Saint Vincent: 1:920; Saint Pierre: 987; La Chapelle: 933; La Villette: 2:198; Charonne: 625; Belleville: 1:815; Père Lachaise: 170:200; Montmartre: 4 7:400; Montparnasse: 59:310; Saint Ouen: 163:976.

Quando voltámos de ver a enorme concorrência de visitantes aos tumulos do «Père Lachaise», entramos na sala das conferencias da Universidade Nova de Belteville, onde Albert Blech nos explicou a decomposição do cadaver.

Em que se transformam e como se transformam os cadaveres? É uma questão de tempo e de terreno.

A decomposição d'um cadaver é com effeito uma verdadeira combustão comparada ou igual ao que se passa debaixo da terra com as materias organicas que se dissolvem. Vejamos um pedaço de carne durante os torridos calores do estio. No fim de alguns dias, toma

um aspecto esverdeado: é o resultado do trabalho de decomposição causada pela invasão dos microbios aneorobios, isto é, dos microbios que vivem ao abrigo do ar. A carne dessora-se, opera-se a liquefacção e os microbios aneorobios cedem o logar aos microbios chamados aerobios, os que vivem em immediato contacto com o oxygenio. Esta nova quadrilha d'infinitamente pequenos... apaches, transformam-nos por completo porque nos reduzem aos elementes simples, ao azote, hydrogenio, carbone e oxygenio. A nossa carne volta ao estado gazoso. Só os elementos mineraes sobrevivem: fica-nos o esqueleto. Mas, mesmo no decorrer dos annos, esse se decompõe.

Nos cemiterios, os corpos dos mortos na combustão da terra decompõe-se em nitrato e em amoniaco que são absorvidos pelas plantas,—estas formadas de saes, d'amido, d'assucar, de acido citrico, de materias albuminoides são absorvidas pelos animaes e pelo homem.

Vivemos da mortel A vida vive da morte. A eterna transformacção da materia eterna.

Os hygienistas reclamam a cremação. É menos poetico, mas muito mais limpo.

Nos cemiterios humidos, argilosos, de terra compacta, a decomposição do cadaver dura 15 annos. Nas terras areosas, bem arejada, o trabalho é mais rapido. O uso de caixões de chumbo é mau. No fim de dois a tres annos, o cadaver que está no caixão de chumbo decompõe-se n'uma massa negra, de um cheiro nauseabundo. Os que morreram de uma doença contagiosa e que são enterrados dentro de caixões de chumbo são depois um foco d'infeccção perigosissimo.

O que ha de melhor é a cremação. Porque é que ainda não temos no Porto esse grande progresso?

«Moda Universal»

D'esta vez a *Moda Universal* tardo um pouco mais do que é costume, o numero de novembro, que é o que a *Agencia Nacional*, de Lisboa, tem agora á venda. Exgotou-se nos primeiros dois dias que se seguiram á chegada dos enormes massos que aquella empresa recebeu do estrangeiro, sendo preciso requisitar mais pelo telegrapho.

A pagina da frente contém 8 gravuras, destacando-se 8 vestidos de uma finura de desenho admiravel e de não menos surpreendente gosto sendo licito affirmar, apesar de sermos profanos no que respeita a *toilettes* femininas, que nunca as damas com alguns metros de fazenda poderam encontrar o modo de materialmente, fazer realçar a sua belleza natural. Ennumerar ou detalhar tudo o que mais apparece nas famosas oito paginas da *Moda Universal* levar-nos-hia longe e o nosso espaço é insignificante.

A *Moda Universal* assigna-se nos escriptorios da *Agencia Nacional*, rua Aurea 178, Lisboa, para onde se deve remetter a importancia da assignatura em estampilhas. A assignatura custa 480 réis annuaes.

Ainda o attentado contra o rei da Belgica

Robini, o auctor do attentado contra os soberanos da Belgica, declarou a um dos guardas da prisão o seguinte:

—Não era o rei Leopoldo que eu tinha a intenção de ferir.

Quando estive em Londres, queria matar o rei Eduardo VII. Foi apenas o povo de Londres que m'o impediu. Essa gente é tão brutal que certo me massacrava, se eu lhe matasse o rei. Não me atrevi.

A minha aspiração era matar o rei de Italia. Já deram cabo do pai; a vez d'este ha-de chegar também. Mas não tinha dinheiro bastante para ir á Italia; estava em Bruxellas quasi sem um sou; resolvi matar o rei Leopoldo.

Robini declarou também ao guarda, que não continuará inuito tempo sob prisão, porque está decidido a enforcar-se.

COMMUNICADO

... Sr.—Muito grato ficará a v. se fizer publicar no seu acreditado jornal as seguintes linhas que são a minha primeira e ultima informação sobre o assumpto de que se trata:

N'um dos dias da semana passada estive em Coimbra com uma senhora de minha familia por motivos que toda a cidade de Aveiro conhece. Hospedámo-nos no Hotel Bragança onde alguém duvidou da nossa identidade, havendo por isso uma troca de palavras azedas que pelas condições especialissimas em que me encontrava resolvi cortar mudando para o Hotel Comercio. Só quem não me conhece, quem estiver de má fé ou mal informado, poderá ver n'isto um escandalo. Porque o assumpto envolve sagrados interesses de quem aqui não pôde nem deve ser discutido, eu não voltarei a falar n'elle, apresentando apenas estas linhas como uma satisfação á minha consciencia e ao publico, desde que por errada informacção, apraz-me creditá-lo, se quiz fazer de mim um criminoso.

De V.

Ord.º e mt.º obrg.º

Aveiro, 26—11—902.

J. Marques de Castilho.

Aos professores primarios

Não é o mappa modelo E, como aqui dissimos, mas o mappa modelo G, que os professores primarios tem de enviar ás inspecções e sub-inspecções, de modo a darem ali entrada até ao dia 21 de cada mez, para poderem ser ncluidos em folha.

As novas moedas

A novas moedas de prata de tostão, já cunhadas, cerca de duzentos contos de réis, e que substituem as de nickel, tem no anverso a effigie do chefe de estado e á roda a legenda—D. Carlos I, Rei de Portugal, 1903—e no reverso a corôa igual á dos antigos meios tostões e a indicacção do valor—100 réis.

«Ambição d'um Rei»

Recebemos e agradecemos o tomo n.º 3 d'esta magnifica obra de Eduardo de Noronha, illustrada por Roque Gameiro e Manuel de Macedo, e editada por a Secção Editorial da Companhia Nacional Editora,—Largo do Conde Barão, 50—Lisboa.

Preço 300 réis.

Nota alegre

A uma viuva apparece em sonhos o marido.

— Como estás? Pergunta-lhe ella.

— Admiravelmente! Sou trezentas vezes mais feliz que no tempo em que vivia contigo.

— Então estás no paraíso?

— Não; eston nas profundas dos infernos a viver com todos os diabos.

LANDEAU

VENDE-SE um quasi novo. Nesta typographia se diz.

Cura do rheumatismo

O *linimento anti-rheumatico de Miranda*, é o melhor remedio até hoje conhecido para a cura d'esta doença. Numerosos attestados de doentes provando os seus bons resultados. Faz desaparecer em curto espaço de tempo as dôres ao padecente.

Envia-se pelo correio para todas as terras.

Preço do frasco 500 réis. Pelo correio 550 réis.

Deposito pharmacia Miranda

RIO TINTO

DEPOSITO DE MACHINAS DE COSTURA



DA ACREDITADA FABRICA "PFAFF," Fundada em 1862 EM Kaiserslautern São estas as melhores machinas de costura

- A machina PFAFF para costureiras. A machina PFAFF para alfaiates. A machina PFAFF para modistas. A machina PFAFF para sapateiros. A machina PFAFF para seleiros. A machina PFAFF para correiros. A machina PFAFF para toda a classe de costura, desde a mais fina cambraia ao mais grosso cabedal.

A machina "PFAFF" é sem duvida a rainha de todas as machinas de costura

- Ensino gratis. Garantia illimitada. A prestações e a dinheiro com grandes descontos. Para collegios e escolas de meninas, preços e condições especiais. Vende-se agulhas, oleo, accessorios e peças soltas para toda a classe de costura. Conserta-se machinas de todos os systemas. Peçam catalogos illustrados que se remetem gratuitamente. Pedidos a

José Maria Simões & Filho

ANADIA - SANGALHOS

HISTORIA DA

REVOLUÇÃO PORTUGUEZA DE 1820

Illustrada com magnificos retratos dos grandes patriotas d'aquella época

ASSIGNATURA EXTRAORDINARIA

Os editores d'esta importante e patriótica edição nacional resolveram abrir uma assignatura extraordinaria, aos fasciculos semanais de 32 paginas, afim de facilitar a entrada d'este grande livro em todas as familias portuguezas. A HISTORIA DA REVOLUÇÃO PORTUGUEZA DE 1820 tem de ser para todos os portuguezes uma verdadeira reliquia da familia, tem de ser guardada na bibliotheca de cada lar como testemunho a thentico do patriotismo e dos feitos heroicos dos nossos avós, que como leões lutaram pela santa causa da liberdade.

Condições da assignatura extraordinaria

Cada fasciculo de 32 paginas 60 réis Cada vol. brochado.. 1:500 » Obra completa (4 vol) 6:000 »

A assignatura por fasciculos póde ser mensal, quinzenal, ou semanal a vontade do assignante. Assigna-se em todas as livrarias do reino, na casa dos Editores Lopes & C.ª, rua do Almada, 123, PORTO.

EM AVEIRO—Livraria Mello Guimarães.

Lembra-se a todas as pessoas que forem a Lisboa, que não se esqueçam de visitar a maravilhosa e surpreendente Exposição Fabril SINGER, installada na rua do Principe, á entrada da Avenida

"Povo de Aveiro,"

Em Lisboa, na tabacaria Monaco.

O DILUVIO

Grandioso romance historico de Henryk Sienkiewicz, auctor do QUO VADIS, traduzido directamente do polaco por Selda Potocka e Eduardo de Noronha. Desencolam-se n'esta obra, ao lado de paginas vibrantes e commovedoras, as heroicas luctas da Polonia contra a invasão dos outros povos do norte. Muitos criticos consideram O DILUVIO superior ao QUO VADIS.

A' venda o 1.º volume em formato grande e com uma bellissima capa a cores

Preço, 300 réis

Pedidos á Secção Editorial da Companhia Nacional Editora, Largo do Conde Barão, 50, Lisboa.

TYPOGRAPHIA

POVO DE AVEIRO

Acaba de nos chegar do estrangeiro, das primeiras fundições typographicas, uma variedade de tipos de phantasia, proprios para obras de luxo. Encarregamo-nos, portanto, de toda a obra de impressão, fazendo-a mais barata do que em outra qualquer parte.

Especialidade em cartões de visita

BAGAÇOS ALIMENTARES

VENDEM-SE na antiga casa de Manuel Maria, largo do mesmo nome, rua direita, d'esta cidade, e por preços vantajosos os melhores bagaços para alimentação de todos os animaes.

A NOVA PHASE DO SOCIALISMO

POR JOÃO DE MENEZES

A' venda na Livraria Central de Gomes de Carvalho, editor, 153, rua da Prata, 160—LISBOA.

Preço 200

Aos agricultores

Vende-se uma porção de carris d'aço usados proprios para armar latadas, corrimões ou para outro qualquer fim, sendo o seu custo de 140 réis o metro, ou 25 réis o kilo.

Quem os pretender póde dirigir-se em Aveiro, a José Gonçalves Gamellas, á Praça do Peixe, e em S. Jacintho, a Manes Nogueira.

SAPATARIA REIS

R. DOMINGOS CARRANÇO (A'S CINCO RUAS) AVEIRO

O proprietario d'esta acreditada sapataria, José Almeida dos Reis, participa aos seus estimaveis freguezes que mudon o seu estabelecimento da Costeira para a sua casa da rua Domingos Carrancho, onde lhe deu uma installação mais apropriada.

O proprietario agradece desde já a visita com que o publico se dignar honrar o seu novo estabelecimento.

Como sempre, o seu empenho é bem servir todos os que procuram a sua casa e, para isso, ao mesmo tempo que se encarrega de todas as encomendas por medida, tem á venda um grande sortimento de calçado fino para homem, senhora e creanças.

Todos os que conhecem as obras que sahem da sua casa, sabem que ellas se recommendam pela perfeição de corte, excellente acabamento e incomparavel modicidade de preços.

CONSULTORIO DENTARIO DE THEOPHILO REIS

Cirurgião-dentista pela Universidade de Coimbra Extrahe, obtura, colloca dentes e encarrega-se do concerto de dentaduras R. DIREITA, 58, 1.º Aveiro

HORAS ROMANTICAS

Collecção de romances notaveis, esplendidamente traduzidos para portuguez, em lindissimas edições, ao alcance de todas as bolsas.

QUO VADIS? (2.ª edição) de H. Sienkiewicz.—3 volumes.

VIDA DE LAZARILLO DE TORMES, de Mendoza.—1 vol.

EULALIA PONTOIS, de F. Soulié.—1 vol.

A AMOREIRA FATAL, de E. Berthel.—1 vol.

SENHOR EU, de Farina.—1 vol.

Cada volume, 100 rs.

Pedidos á Companhia Nacional Editora, largo do Conde Barão, 50, Lisboa, e a todas as livrarias e tabacarias.

Vinho puro de Bucellas

Este vinho, muito apreciado pelas suas propriedades hygienicas, só se vende no estabelecimento de José Gonçalves Gamellas.

Praça do Peixe—AVEIRO

N. B.—Só se garante o proprio vinho o vendido no mesmo estabelecimento.

ARMAZENS

DA

BEIRA-MAR

DE

MANUEL GONÇALVES MOREIRA

PRAÇA DO COMMERCIO, 19 A 22

R. DOS MERCADORES, 1 A 5

AVEIRO

D'aquí levarás tudo tão sobejo (Luz. Cam.)

VENDAS SO A DINHEIRO

Preços fixos

CONFECÇÕES:

Fazendas da novidade de lã, linho, seda e algodão.

Camisaria, gravataria, livraria, papelaria e mais objectos de escriptorio. Officina de chapalaria. Chapéus para homem, senhora e creanças. Centro de assignatura de jornaes de modas e scientificos, nacionaes e estrangeiros.

Importação directa de artigos da Madeira: obra de verga, bordados, rum e vinho (qualidade garantida). União deposito dos vinhos espumosos da Associação Vinicola da Bairrada.

Representante da casa Beirão, de Lisboa, encarrega-se de maudar vir bicyclettes Clement e machinas de costura Memoria, bem como todos os accessorios para as mesmas.

Loaças de porcelana, quinquilharias, bijouterias, perfumarias (importação directa).

Flôres artificiaes e cordas funerarias. Ampliações photographicas. Encadernações.

N. B.—Não se aviam encomendas que não venham acompanhadas da respectiva importancia.

O FOGO

Notabilissimo romance de Gabriel do Annunzio, o mais brilhante dos escriptores italianos da actualidade, traduzido para portuguez por Amadeu Silva d'Albuquerque. É esta a obra mais sensacional do grande escriptor, pela belleza commovedora e assombrosa do seu entreccho e pela sua forma artistica e inapeçavel.

DOIS ELEGANTES VOLUMES, COM ESPLENDIDAS CAPAS A CORES

Cada vol., 100

Pedidos á Companhia Nacional Editora, largo do Conde Barão, 50, Lisboa.

SIGAMOL-O!

Sensacional romance de H. Sienkiewicz auctor do QUO VADIS? seguido de mais dois soberbos contos do grande escriptor polaco.

Trad. de EDUARDO NORONHA

Um luxuoso volume, com uma lindissima capa a cores e ornado com magnificas illustrações.

Preço 500 réis

A' venda na Companhia Nacional Editora, Largo do Conde Barão, 50, Lisboa, e em todas as tabacarias e livrarias.

ROLÃO PALMA

ESTA farinha muito mais barata e superior do que qualquer outra para a engorda de porcos, gado vaccum, galinhas, etc. etc. vende-se unicamente no estabelecimento de José Gonçalves Gamellas.

Praça do Peixe

AVEIRO

SEM DOGMA

Notabilissimo romance, em 2 volumes, de H. Sienkiewicz, auctor do

QUO VADIS?

tradução de EDUARDO DE NORONHA

300 rs. cada volume 300

A' venda o 1.º volume, com uma capa a cores, na Secção Editorial da Companhia Nacional Editora, Largo do Conde Barão, 50—LISBOA.

MAIS UM TRIUMPHO!

As machinas para coser da Companhia SINGER obtiveram na Exposição de Paris de 1900 o mais alto premio, Grand-Prix.

É mais uma victoria junta a tantas outras que estas excellentes e bem construidas machinas tem alcançado em todas as exposições.

AVEIRO

75—RUA DE JOSÉ ESTEVÃO—79